

História linguística de um nome:

Maria Helena Pinto Novais Paiva

António Pereira

Universidade do Minho

1. Introdução

“Não há homem sem nome, nem nome sem sobrenome.”

Dada a sua natureza universalista, a Antroponímia (e a Onomástica em geral) tem sido objecto de estudo de inúmeras disciplinas como a Religião, a Filosofia, a História, a Sociologia, o Direito, a Literatura e a Linguística.

Depois de uma breve viagem por alguns destes domínios, centraremos a nossa atenção na natureza linguística da antroponímia. Na verdade, o estudo que queremos apresentar inscreve-se no domínio da História da Língua Portuguesa e, em particular, no campo da Onomástica. E aqui muito há ainda a fazer... É claro que o *corpus* escolhido (*Maria, Helena, Pinto, Novais e Paiva*) apresenta particularidades bem especiais de acordo com o objectivo principal deste Encontro – homenagem à Sra. Professora Maria Helena Paiva -; todavia adoptaremos, no seu tratamento, os métodos que são geralmente habituais em trabalhos desta natureza: para cada um dos elementos antroponímicos, procederemos, sempre que possível, à identificação do étimo e a uma “descrição” diacrónica nos domínios da fonética-fonologia, da morfologia e da sintaxe.

Aspectos como a frequência de uso e a actualidade das formas onomásticas serão também tidos em conta. Para isso, recorreremos principalmente a obras de natureza enciclopédica e a listas telefónicas actualizadas¹.

¹ Quanto à frequência de uso dos elementos antroponímicos (somente apelidos: *Pinto, Novais e Paiva*), utilizaremos a Lista Telefónica da Região Porto e Sul do Douro de 2002-2003. Todavia, só teremos em atenção o concelho do Porto não só porque, neste momento, não nos interessa uma amostra muito significativa, mas também devido à área de residência da nossa homenageada.

2. Antroponímia e outras “artes”

No início do *Génesis* narra-se a criação do mundo e do Homem, e é curioso verificar que o acto criador de Deus está sempre associado à linguagem e à necessidade de nomear os elementos criados: “O Senhor Deus disse: «Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele». Então, o Senhor Deus, após ter formado da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria” (Gn 2, 18-19). Depois de ter criado a mulher, Deus revelou-a ao homem. Este, ao vê-la, exclamou: “Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem” (Gn 2, 23). Muitas vezes o nome exprime a pessoa e a missão que lhe é confiada (Gn 27, 36; I Sam 25,25); por este motivo, mudar de nome significa, geralmente, assumir uma nova personalidade (2 Rs 23, 34; 24, 17; Gn 17, 5. 15; 32, 29; Mt 16,18; Jo I, 42). Deste modo, a atribuição do nome pode representar uma mudança significativa da condição humana. Assim aconteceu, por exemplo, com Simão, filho de Jonas, a quem Cristo dirigiu as seguintes palavras: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja” (Mt 18). Assim, receber um novo nome assinala, de alguma forma, o nascimento de um homem novo. Não será também este o sentido da mudança de nome do Papa e dos civis que se consagram à vida religiosa²? Estes e muitos outros exemplos podem e devem ser mais aproveitados para se reflectir sobre a génese da linguagem e a motivação linguística.

No domínio filosófico, é obrigatória a referência ao *Crátilo* de Platão. Desenvolve-se aqui um “Diálogo sobre a justeza dos nomes”, protagonizado por Hermógenes, Crátilo e Sócrates. Crátilo, ao contrário de Hermógenes, defende a existência de “uma designação justa para cada um dos seres” (p. 5) - daí a expressão “cratilismo da linguagem”; enquanto que Sócrates adopta uma atitude de precaução ao afirmar que “as coisas belas são difíceis, quando se trata de as aprender; e, em especial, não é de pouca monta o estudo relativo aos nomes” (p. 6).

No campo literário, Aguiar e Silva, referindo-se ao romance do século XVIII e de quase todo o século XIX, diz que o nome “é um elemento importante na caracterização da personagem, tal como acontece na vida civil em relação a

² Cf., por exemplo, as mudanças antroponímicas operadas em algumas das personagens do *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, concretamente em D. João de Portugal (“Ninguém”), Manuel de Sousa Coutinho e Madalena de Vilhena.

cada indivíduo” (p. 704). Mais: “O nome da personagem funciona frequentemente como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.) da personagem fosse motivada intrinsecamente” (p. 705). Para o provar, Aguiar e Silva exemplifica com as personagens de romances como *Uma abelha na chuva* de Carlos de Oliveira, *A queda dum anjo* de Camilo Castelo Branco ou *A relíquia* de Eça de Queirós. A Onomástica literária tem sido, assim, um filão muito explorado nestas últimas décadas: uma vez ou outra por especialistas da Língua Portuguesa como Celso Cunha³, mas sobretudo por autores estrangeiros como Roland Barthes⁴.

Na área dos estudos linguísticos, e depois do “Diálogo sobre a justeza dos nomes” do *Crátilo* de Platão, melhor se compreende a “natureza do signo linguístico” defendida por Saussure no seu *Curso de Linguística Geral*. “O signo linguístico é arbitrário” – defende o autor (p. 124) – e esta arbitrariedade, concluímos nós, estende-se naturalmente à antroponímia⁵. Actualmente, e de uma forma cada vez mais consistente, a Linguística tem incluído a antroponímia e os nomes próprios em geral no âmbito dos seus estudos. Na tradição gramatical, os antropónimos são habitualmente integrados no grupo dos nomes próprios, categoria não exclusivamente linguística cujo carácter marginal “deriva de la dificultad que supone su delimitación mediante las relaciones intrínsecas entre los signos que constituyen el sistema de una lengua: es una clase de palabras desprovista de contenido léxico codificado, de modo que su valor ha de ser establecido en relación con factores extralingüísticos” (Bosque: 79). Assim, e ao longo destes últimos vinte anos, o nome próprio tem sido estudado na sua dimensão sociolinguística, comunicacional, semiótica e cognitiva, entre outras, mas também linguística, como “clase gramatical con propiedades morfológicas, semánticas y sintácticas relativamente distintivas, pero no exclusivas” (p. 79). Na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus, o nome próprio é definido como “um designador de um único objecto identificado pertencente à classe dos objectos do universo de referência relativo a um dado discurso” (p. 213). No domínio da pragmática, o uso do nome marca também presença. Segundo

³ Ver “Poética e Onomástica em *Os Lusíadas*”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI, *Canções*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

⁴ De Barthes, ver “Proust e os nomes”, *O grau zero da escrita*, Edições 70, col. Signos, nº 3, Lisboa, 1997. Na revista *Poétique – revue de théorie et d’analyse littéraires*, nº 46 e 54, por exemplo, encontramos artigos de vários autores sobre nomes próprios.

⁵ Embora não seja objectivo deste nosso trabalho, defendemos que a natureza arbitrária dos elementos antroponímicos não exclui uma certa dose de motivação, sentida de uma forma mais clara nas alcunhas, por exemplo.

Emília Ribeiro Pedro, no seu artigo “interacção verbal” (em Faria: 467), para o falante português, “os marcadores linguísticos mais claros de relações sociais são os nomes pelos quais uma pessoa é tratada, incluindo o nome próprio ou o apelido, bem como as diferentes combinatórias possíveis”. Mais: a relação entre o nome e o indivíduo que ele identifica é tão importante que, não raramente, se vêem pessoas ofendidas quando são tratadas por um nome que não lhes pertence ou que, pertencendo, lhes desagradada.

Com o propósito de definir o papel do linguista na fixação da norma onomástica, Ivo Castro (Castro 2003) serve-se do artigo 103.º do decreto-lei nº 36/97, de 31 de Janeiro, do Código do Registo Civil. Para analisar criteriosamente este artigo, que se assume como “o principal texto legal que regula o processo de atribuição de nome próprio em Portugal” (p. 16), Ivo Castro centra a sua atenção em aspectos como “a lei, a interpretação que é dada à lei” e “a necessidade de ambas se conformarem por um lado com a língua e por outro com a sociedade” (p. 16). Depois de um exame cauteloso à normativa do nome próprio em Portugal, Ivo Castro conclui que o linguista pode e deve ser chamado a intervir em diversos pontos: “na revisão da legislação, na tomada consciente de opções fundamentais, na apreciação e resolução de casos problemáticos, na informação e orientação da sociedade” (p. 23). De facto, se isso tivesse acontecido, teríamos evitado alguns dos nomes que a nós nos fazem sorrir mas aos seus portadores nem por isso. Eis alguns exemplos⁶: Abel Afonso Amor Divino, Adão Camelo, Alarico Silvestre Visitação Salvação Coelho, Arcangela Maria Amador Damas e Outra, Caetano Dores Sanguessuga, Eduardo Calção do Coito, José Anjos Panasca, António Calhorda, José Mariano Maluco, Artur Palhaço ... (em Portugal); Adam Borda Bunda, Ana Aparecida Modesta Criada de Jesus, Antoninho Cara Larga, Evangelos Loucas, Izabel Rainha de Portugal, Pretende Reduzido, Monsier de Valois, filho de Boogoolro e de Loo ... (no Brasil). Mais recentemente, temos notícia de algumas restrições na aceitação dos nomes de baptismo como nos dá conta a Direcção Geral dos Registos e do Notariado⁷.

⁶ Os exemplos que se seguem, para o caso português, foram colhidos de várias revistas e jornais; para o caso brasileiro, foram-me enviados via e-mail por Paula Pinto, locutora da Rádio Renascença em 6/11/2000, a quem agradeço.

⁷ No endereço electrónico www.dgrn.mj.pt, em “Vocábulos admitidos e não admitidos como nomes próprios” (“Consultas efectuadas em 2001”), encontramos, como nomes admitidos, Acúrcio (masc.), Andreлина (fem.), Esmeraldo (masc.), Lindorfo (masc.), Miriam (fem.), Santiago (masc.)...; como nomes não admitidos, figuram Acúrcio (masc.), Camões (masc.), Ginja (fem.), Miryam (fem.)...

3. História Linguística de um nome: *Maria Helena Pinto Novais Paiva*

3.1. *Maria*

A origem do nome *Maria* busca-se geralmente no hebreu *Miriam* de significação ainda pouco consensual. Antes de chegar ao português, o antropónimo *Maria* terá passado do hebreu (*Miriam*) para o grego (*María*) e deste para o latim (*Maria*)⁸.

O seu uso remonta ao *Antigo Testamento* («Sumpsit ergo *Maria* propheta», *Êxodo*, XV, 20), surgindo em português apenas no séc. XIII: na poesia satírica, temos a ocasião de verificar a sua presença, quer como nome de mulheres mundanas quer como nome de Nossa Senhora⁹. É nesta última condição que é usado nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X. Continuamos a acreditar que continua a ser, de longe, o nome de mulher mais usado entre nós. A sua popularidade é tão grande que, não raro, se usa também como sobrenome masculino: basta recordar os escritores portugueses Manuel *Maria* Barbosa du Bocage e José *Maria* Eça de Queirós. No estrangeiro ele é também um nome de largo uso: *Mary* no inglês e *Marie* em francês, por exemplo¹⁰. Embora de forma pouco significativa, atesta-se também como apelido e topónimo¹¹. Relacionados com *Maria* estão os nomes *Mariana* (*Maria* + *Ana*) e *Marília*, entre outros. É curioso notar que o nome *Maria* toma novas feições de acordo com o estrato sócio-cultural e afectivo em que se utiliza. Assim, surgem formas hipocorísticas como *Micas*, *Maricas*, *Mariquinhas* ou simplesmente *Quinhas*, estas duas últimas muito frequentes pelo menos no Norte de Portugal¹².

Maria, já o dissemos, é o nome próprio feminino mais corrente em Portugal. De facto, desde a primeira metade do séc. XIV até 1970, *Maria* foi sempre um nome no topo das preferências. A partir daí caiu um pouco no esquecimento

⁸ Cf. L. de Vasconcellos (*Opúsculos* III, p. 75 e *Antroponímia*, p. 31) e ainda Nascentes, p. 163. Em *Antroponímia*, Leite diz que o antr. *Mirjam* foi tomado do egípcio e significa «amada de Amon (deus)». Ver também Machado II, p. 947. Nunes (*Rev. Lus.*, vol XXXIII, p. 58) prefere dá-lo como “nome de origem e significação incertas”. Dauzat (p. 90) afirma que “*Maria* est une adaptation gréco-latine de l’ hébreu *Miriam*, influencé sans doute par le latin *Marius* et sa famille”.

⁹ Numa cantiga de Johan Soares Coelho.

¹⁰ Referindo-se aos hipocorísticos de *Maria*, Dauzat (p. 125) cita, entre outros, *Marion*, *Mariet* e *Mariotte*. Os franceses, conscientes da popularidade do nome *Maria* em Portugal, quando desconhecem o nome de determinada mulher portuguesa, chamam-lhe simplesmente *Maria*.

¹¹ Cf. Machado II, pp. 947-948 e Cortesão, p. 211.

¹² Cf. Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXIII, p. 58 e Machado II, pp. 948. Mais curiosa é a forma *Ria* (com o /r/ pronunciado áptico-alveolar), abreviatura de *Maria* (cf. Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXIII, p. 58 e Machado II, p. 948).

mas hoje em dia surge de novo com grande pujança (cf. *Tempo da Língua*, p. 26). Foi nome corrente na *Bíblia* e na Idade Média (basta recordar as muitas mulheres das *Cantigas d' escarnho e mal dizer* com este nome). *Maria* foram também algumas rainhas de Portugal, Escócia, Espanha, França ..., imperatrizes da Alemanha, de Bizâncio e do Brasil, infantas de Portugal ... Não esqueçamos, porém, a *Maria da Fonte* (séc. XIX) e mais um sem número de celebridades¹³.

3.2. *Helena*

Este antropónimo tem origem grega, no substantivo próprio *Heléne* (*Helena*, filha de Zeus e de Léda; e mulher de Menelau - *Ilíada* 2,161, etc.; *Odisseia* 4, 12, etc.). Como substantivo comum, significa «tocha, archote»¹⁴. Segundo alguns autores (cf. Machado), o antropónimo *Helena* relaciona-se provavelmente com a forma latina *Vénus*, já que ambos os termos poderão remeter, através da raiz *ven-*, para o nome indo-europeu da deusa do Desejo e do Amor, *Veléna*. Duas mulheres célebres marcaram definitivamente a história deste nome: *Helena*, rainha de Esparta, e Santa *Helena*, mãe do imperador Constantino Magno (c. 255-330). Devido à sua beleza, a rainha de Esparta e mulher de Menelau terá sido raptada por Páris, príncipe troiano, dando origem à guerra de Tróia. Quanto a Santa *Helena*, ela identifica-se com Flávia Júlia *Helena* Augusta e terá falecido por volta do ano 330. *Helenas* célebres são também as rainhas da Etiópia (m. 1524 ou 25) e da Itália (*Helena* de Sabóia: 1873-1953).

Os textos portugueses começam a dar conta deste antropónimo nos séculos XIV e XV, quer através das formas *Elhena* (em 1302), quer da actual *Helena* (esta em 1437)¹⁵. Desde então, o antropónimo *Helena* tem marcado sempre presença no Onomástico português, tendo sido, em algumas alturas, um dos mais frequentes (em 1960, por exemplo, em Lisboa ocupava o sexto lugar – cf. *Tempo da Língua*, p. 26).

¹³ *G. Enc.* 16, pp. 299-350.

¹⁴ Cf. A. Bailly e ainda *A Greek-English Lexicon*, compiled by Henry George Liddle and Robert Scott, Oxford, 1994.

¹⁵ De facto, José Joaquim Nunes, em “Os nomes de Baptismo” (vol. XXXIII, pp. 11-12), refere a existência da forma *Elhena* (*Elhena* Piriz, mulher de João Doming[u]iz) num diploma de 1302 (1340 na era de César) e explica que a grafia *lh* deve ser lapso do copista ou traço dialectal já que nesse mesmo documento se escreve também, por exemplo, *totalhas* e *aquelhes* por *totallass* e *aquelles*.

Actualmente podemos ainda encontrar a forma *Helena* como topónimo (no singular, na Guarda; no plural, em Montemor-o-Velho), aludindo talvez a mulheres da localidade com este nome.

3.3. *Pinto*

O apelido Pinto, antiga alcunha, parece remeter directamente para o nome comum masculino *pinto*. Todavia, os dicionários (cf. *Houaiss* e *Academia das Ciências de Lisboa*) apresentam para o mesmo significante vários significados. Eis alguns exemplos: 1. como nome comum: *pinto* = frango (ou franga) recém-nascido; criança; órgão sexual masculino e feminino; e antiga moeda portuguesa; 2. como adjectivo: *pinto* = pintado (do latim vulgar **pinctus*, por *pictus*, participio passado de *pingere*, «pintar»). Como adjectivo, *pinto* significa então «que tem cores diversas» (cf. “dentes pintos come dados” numa cantiga de escárnio e maldizer de Pero de Vivieaz, séc. XIII?).

Qual deles (nome ou adjectivo) terá dado origem ao apelido *Pinto*? Machado inclina-se para *pinto* = cria da galinha, este do latim **pittu*, formado de uma raiz provavelmente pré-latina (*pitt-*). Assim, enquanto que na forma *pinto* se sente a influência do verbo *pintar* (do lat. vulgar **pintare*, derivado de **pinctus*, participio vulgar do latim *pingere*, «pintar»), em *pito*, forma popular usada pelo menos no Minho para designar pequeno frango (mas também órgão sexual feminino), a proximidade faz-se com o latim vulgar **pittu*. A primeira ocorrência textual como apelido parece datar de 1087 (*Pintus?*), enquanto que *Pinti* e *Pinto* surgem só em 1258 (cf. Machado).

Na genealogia portuguesa (cf. *Verbo XXI*) a origem da alcunha/apelido *Pinto* também não é muito elucidativa. O primeiro que se conhece é D. João Garcia de Sousa, senhor de Alegrete, chamado o *Pinto*. “Teve esta alcunha por suas muitas perfeições naturais e gentilezas”, dizem os cronistas: “perfeições” e “gentilezas” a fazer lembrar o aspecto agradável de um *pinto* ou de um retrato? – perguntamos nós. Alguns autores, porém, dizem ainda que “o apelido deriva de uma alcunha motivada por um cavaleiro regressado de uma batalha com a sua armadura e o resto da indumentária salpicadas com pingos de sangue” - a apontar, portanto, para o adjectivo *pinto* = pintado. Registam-se ainda outras contribuições para determinar a origem dos *Pinto* mas as divergências devem-se sobretudo ao facto de estarmos perante uma família muito antiga, contemporânea dos nossos primeiros reis.

Há, ao longo da nossa história, várias personalidades que se destacaram pelos mais diversos motivos. Todavia, o nome que nos vem mais depressa à

memória é talvez o de Fernão Mendes *Pinto* (entre 1510 e 1514-1583), autor da célebre *Peregrinação*. Hoje em dia, *Pinto* é um dos apelidos mais frequentes¹⁶. Para além de apelido, *Pinto* tem ainda realização como topónimo em Portugal (onde é frequente) e na Galiza.

3.4. *Novais*

Antiga alcunha, este apelido tem a sua origem no topónimo *Novais*, plural de *Noval*. Em qualquer um dos casos, o étimo é o substantivo masculino *noval*, «arroteia», do latim *novalis, is*, «terra deixada em descanso por um ano», este do adjectivo *novalis, e*, de *novus, a, um*, «novo» (cf. Houaiss e Gaffiot). Na qualidade de topónimo, *Noval* surge em 1258, *Nobales* em 976; em 1058 e 1128 *Nouales* e em 1258 *Novaes*. Actualmente, o singular e o plural são topónimos frequentes no Norte e na Galiza. Como apelido, *Novais* apresenta as formas antigas *Nouaes* em 1228-1229, *Nouahes* em 1251, *Novaes* e *Navaes* em 1258 e *Novais* em 1647 e 1801 (cf. Machado).

A nível fonético-fonológico, é fácil verificar que na passagem do latim *Novales* para a forma actual *Novais* ocorreu a síncope do *l* intervocálico dando origem a um hiato que depois se resolve através de uma ditongação (*Novales* > *Novaes* > *Novais*).

A genealogia defende para este apelido uma origem espanhola e acrescenta que ele procede de um cavaleiro do tempo do conde D. Henrique (séc. XI), Pedro *Novais*, o Velho, que o tomou do castelo de *Novais*, em Salvaterra, na Galiza. Afonso Fernandes *Novais*, neto de Pedro *Novais*, terá fundado em Portugal um solar - solar de *Novais* (talvez no concelho de Vermoim). Outros *Novais* se seguiram como Vasco Fernandes *Novais* e Fernão Vasques de *Novais* tornando difícil traçar a sua genealogia (cf. *Verbo XXI*). Mais recentemente, encontramos figuras como Paulo Dias de *Novais* (donatário e 1º governador de Angola: m. 1589), Faustino Xavier de *Novais* (Poeta e jornalista: 1820-1869) e Horácio Maggiolly *Novais* (prof. universitário: 1939-). Actualmente, este apelido não é dos mais frequentes mas a sua representatividade é significativa¹⁷.

¹⁶ Na *Lista Telefónica – Região Porto e Sul do Douro – 2002-2003*, contabilizámos 1837 entradas no Concelho do Porto.

¹⁷ No Concelho do Porto, contabilizámos 63 entradas.

3.5. *Paiva*

Apelido de origem toponímica, esta antiga alcunha surge pelo menos no séc. XII (depois de 1139) a designar o trovador português da alta nobreza Johan Soares de *Pávia*. Deste poeta, conservou-se apenas uma composição - um sirventês político dirigido contra o rei de Navarra. Todavia, são-lhe atribuídas mais seis cantigas de amor tidas como perdidas¹⁸. O topónimo, por sua vez, está relacionado com o nome do afluente do rio Douro (rio *Paiva*), ou directamente ou por intermédio do apelido *Paiva*. O étimo será um nome pré-romano que no latim apresenta possivelmente a forma *Pavia*. Como formas antigas deparamos com *Pauia* em 883, 961, 1108 etc.; *Paula* em 1069, *Pauha* e *Pauya* em 1273. No domínio fonético-fonológico é fácil detectar a metátese na passagem de *Pávia* para *Paiva* (ocorrida provavelmente a partir do séc. XIII).

A genealogia defende uma origem portuguesa para este apelido, tomado do rio *Paiva*. D. Garcia Fernandes de *Paiva*, filho de D. Fernão Peres Pelegrin, terá sido um dos primeiros *Paivas*, assim como D. Pedro Tracozendes de *Paiva* de Riba Douro (filho de D. Tracozendo Guedes), cuja descendência terá assegurado a continuidade do apelido.

Hoje em dia, o apelido *Paiva* não é, seguramente, dos mais frequentes (ao contrário de *Silva*, *Costa* ou *Ferreira*, por exemplo), mas está bem representado em inúmeras famílias portuguesas¹⁹.

4. Conclusões

Com este pequeno trabalho que agora chega ao fim quisemos mostrar, numa primeira fase, o carácter universalista da Antroponímia e a forma como tem sido encarada pelos diversos ramos do saber. Depois, e cumprindo o verdadeiro objectivo que havíamos traçado - a homenagem à Sra. Professora Maria Helena Pinto Novais Paiva -, procurámos congregar algumas das informações (às vezes meras suposições) disponibilizadas pelos especialistas acerca de cada um dos elementos que constituem o nosso *corpus*. Neste trabalho de reconstituição tentámos também nós propor algumas respostas para as muitas dúvidas que ainda resistem no domínio da Onomástica, como a identificação do étimo e a datação de cada uma das fases de evolução de um antropónimo.

¹⁸ Cf. pp. 361-362 do *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Caminho, Lisboa, 1993.

¹⁹ No concelho do Porto foram contabilizadas 150 entradas.

Neste sentido, apresentamos em anexo um quadro que, de uma forma muito simplista, reúne algumas das conclusões a que chegamos ao longo deste trabalho.

À semelhança de Leite de Vasconcellos (cf. *Tempo da Língua*, p. 26), apraz-nos dizer que, “ao olharmos para as listas antroponímicas”, vemos “toda a nossa história passar efectivamente diante de nós (...): os barões medievais com os seus solares (uso da partícula *de*), a vaidade da sua prosápia (apego aos patronímicos); a nobreza, que lhe sucede, não menos orgulhosa de encadeamento de apelidos geográficos, e de outros tidos como raros e sonoros”. Ora, também os nomes que analisámos (*Maria, Helena, Pinto, Novais e Paiva*) nos permitiram visualizar uma parcela do nosso vasto e riquíssimo espólio antroponímico.

Como palavras finais, gostaríamos de homenagear a Sra. Professora Maria Helena Paiva evocando a obra de Almada Negreiros num dos seus momentos mais memoráveis: “DAS DUAS UMA: ou as pessoas se fazem ao nome que lhes puseram no baptismo, ou ele tem de seu o bastante para marcar a cada um. Será imprudente deduzir o nome próprio através das fisionomias ou dos caracteres; no entanto, uma vez conhecido o nome próprio de uma pessoa, ficamos logo convencidos de que este lhe assenta muito bem”²⁰. E o nome *Maria Helena Pinto Novais Paiva* assenta-lhe *realmente* como uma luva.

5. Referências Bibliográficas

- Aguiar e Silva, V. M., 1986. *Teoria da Literatura*, 7ª ed., Coimbra, Livraria Almedina.
- Bailly, A., 1950. *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Hachette.
- Bosque, I. y Demonte, V., 1999. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. 1, *Sintaxis básica de las clases de palabras*, Madrid, Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello.
- Castro, I., 1991. *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Idem, 2003. “O linguista e a fixação da norma”, *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, org. Amália Mendes e Tiago Freitas, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística.
- Cortesão, A. A., 1912. *Onomástico Medieval Português*, Separata do «Archeologo Português», vol. VIII e seguintes, Lisboa, Imprensa Nacional.

²⁰ Almada Negreiros, “Nome de Guerra” em *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997, p. 253.

- Dauzat, A., 1988. *Les noms de famille de France – Traité d’Anthroponymie Française*, 3^{ème} édition, revue et complétée par M. T. Morlet, Paris, Librairie Guénégaud.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, 2001. 2 vols., Verbo.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2001. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Editora Objetiva.
- Faria, I. H. e outros, 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Ferreira, J. de A., 2001. *Estudos de História da Língua Portuguesa – obra dispersa*, Coleção Poliedro, nº 7, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- Gaffiot, F., 1934. *Dictionnaire Latin Français*, Paris, Hachette.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa - Rio de Janeiro, s.d., 40 vols. + vols. de actualização, Editorial Enciclopédia.
- Kremer, D., 1990. *Dictionnaire historique des noms de famille romans*. Actes do Ier. Colloque (Trêves, 10-13 décembre 1987), Publiés par Dieter Kremer, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Lista Telefónica – Região Porto e Sul do Douro*, 2002-2003.
- Machado, J. P., 1967. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2^a ed., 3 vols., Horizonte/Confluência.
- Idem, 1993. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 2^a ed., 3 vols., Horizonte/Confluência.
- Mateus, M. H. e outras, 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5^a ed., Lisboa, Caminho.
- Nascentes, A., 1952. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (Nomes Próprios), Rio de Janeiro.
- Nunes, J. J., 1933-1937. “Os Nomes de Baptismo – sua origem e significação”, *Revista Lusitana* (Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal. Dirigido por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Livraria Clássica Editora), vols. XXXI-XXXV.
- Piel, J.-M., 1989. “Origens e estruturação histórica do léxico português”, *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Estudos Gerais / série universitária, IN-CM.
- Platão, 1994. *Crátilo. Diálogo sobre a justeza dos nomes*, 2^a edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- Saussure, F., 1999. *Curso de Linguística Geral*, 8^a ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Teyssier, P., 1987. *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- Tempo da Língua. Imagens da História da Língua Portuguesa*, 2001, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Instituto Camões.
- Vasconcellos, J. L., 1928. *Antroponímia Portuguesa (...)*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Idem, 1931. *Opúsculos*, vol. III, *Onomatologia*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

António Pereira

VERBO – Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 18 vols. + 4 vols. de “Suplemento” + vols. de ano (1991, ...).

VERBO – Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura - Edição Século XXI, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 23 vols. (1º vol. – Janeiro de 1998; 29º vol. - Dezembro de 2003).

História Linguística de um nome: *Maria Helena Pinto Novais Paiva*

A pelidos/ Antropónimos	Nº de Ocorrências (Concelho do Porto, 2002/03)	Origem etimológica				Classe gramatical de origem				1.ª ocorrência como apelido/antropónimo (século)									
		Grego	Hebraica	Latina	Pré-latina	Nome próprio			Nome Comum			X-XI	XII-XIII	XIV-XV					
						Antropó.	Topón.	Animal	Vegetal	outro									
<i>Maria</i>			+				+								+				
<i>Helena</i>			+					+										+	
<i>Pinto</i>	1837					+													+
<i>Novais</i>	63																		+
<i>Paiva</i>	150																		+